

Amizades, Masculinidades e Homofobia: reflexões possíveis à partir do filme belga *Close*¹

Gleisson Roger de Paula Coêlho (UFMT)

Resumo

Com a substituição do discurso religioso pelo discurso médico, científico o Estado passa a controlar os corpos e “defini” a heterossexualidade como a sexualidade “normal” face a questão reprodutiva. Também impõem que homens não expressem seus sentimentos, sejam fortes, viris. Assim, partindo da história de amizade retratada no filme belga *Close* (2022) entre Rémi e Leo, o presente trabalho tem por objetivo contribuir com algumas reflexões sobre as representações das masculinidades, da presença de homofobia no ambiente familiar e escolar e de como os direitos dos homossexuais vem sendo tutelado no Brasil. Conclui-se pela necessidade de se criar mecanismos para combater o preconceito, discriminação e práticas homofóbicas presentes inclusive na família. Para tanto, utiliza-se a pesquisa exploratória e bibliográfica, a partir do método dedutivo, o qual se inicia pela aceção de conceitos genéricos até sua particularização.

Palavras-chave: Direitos Humanos; Família; Homofobia; Masculinidades; Suicídio.

Introdução

Embora não seja novidade a relação afetiva/sexual entre pessoas do mesmo sexo, apenas no final do século XIX, com a substituição do discurso religioso pelo discurso médico e científico surgiram as identidades “hétero” e “homo”. Com essa mudança o Estado passa a controlar os corpos e ao definir a heterossexualidade como a sexualidade “normal” as outras sexualidades passam a ser consideradas “anormais”, “patológicas”.

Assim, as relações de pessoas que não se enquadram no padrão “hetero-cis”, acabam tendo que enfrentar alguns obstáculos para terem garantidos os mesmos direitos que os que se identificam como heterossexuais. Um exemplo dessa superação de barreira é reconhecimento da possibilidade do casamento apenas após a decisão do Supremo Tribunal Federa – STF, face a ausência de uma legislação específica.

De outro modo, esse controle sobre os corpos também pode ser observado no comportamento que se espera de uma determinada pessoa pelo simples fato de ter nascido com o órgão sexual masculino. Espera-se que ele se comporte de maneira viril, seja forte e não expresse seus sentimentos, pois caso o faça pode ser considerado fraco, menos homem.

Nesse sentido, a amizade de Rémi e Leo retratada na película belga *Close* (2022) nos dá um arquétipo de como a sociedade ocidental impõe que os homens não expressem seus

¹ GT17. Homofobia, transfobia e outras violências.

sentimentos em público, mesmo que seja um simples abraço entre dois amigos. Tanto que, devido à tal proximidade alguns de seus colegas de escola chegam a perguntar se eles seriam um casal, em meio a risadinhas preconceituosas.

De outro modo, assumir-se de uma orientação afetiva sexual minoritária, mesmo em seu ambiente familiar, não garante que as pessoas que dizem o amar incondicionalmente, irão lhe aceitar e/ou passaram a lhe olhar de forma diferente, como se fosse outra pessoa.

Assim, o presente trabalho tem como objetivo contribuir com algumas reflexões sobre as representações das masculinidades, da presença de homofobia no ambiente familiar e escolar e de como os direitos dos homossexuais vem sendo tutelado no Brasil. Para tanto utiliza-se a pesquisa exploratória e bibliográfica, a partir do método dedutivo, o qual se inicia pela acepção de conceitos genéricos até sua particularização.

Tecendo Masculinidade(s)

No final do século XVIII, coexistiam segundo Kimmel (1998) dois modelos de masculinidade nos Estados Unidos da América: o *patriarca gentil*, identidade derivada de quem detinha a posse da terra, era cordial, elegante, passava seu tempo com a família e cuidando de suas propriedades; enquanto, o *artesão heroico*, reunia a força física e a virtude do fazendeiro *yeoman*, e como pai devoto ensinava o seu ofício a seu filho.

Contudo, nos últimos anos do século XIX, surge uma nova variante de masculinidade: o *self-made man*, que consoante Kimmel (1998) eram homens dedicados ao seu trabalho, que passavam períodos ausentes e longe de seus lares em um ambiente de trabalho caracterizado pela convivência com outros homens.

No entanto, como destaca Connell (1997), apesar de algumas sociedades apresentarem um registro cultural de gênero, nem todas dispõem de um conceito de masculinidade. Para a autora o termo evidencia que a própria conduta é o resultado do tipo de pessoa que se é, ou seja, que a masculinidade está ligada a um comportamento violento, dominador, entre outras características. Mas tal entendimento, implica numa crença nas ações pessoais e diferenças individuais, fruto de uma construção histórico recente (CONNELL, 1997).

Masculinidades para Connell (2016) pode ser compreendido como padrões socialmente construídos de práticas de gênero, criados por meio de um processo histórico com dimensões globais. Por sua vez, Kimmel (2003) fala que se refere aos comportamentos, papéis sociais e significados determinados e esperados para os homens em qualquer sociedade e momento, destacando o gênero, não o sexo biológico e muito menos a diversidade de identidades entre os

diferentes grupos de homens. Para Nascimento (2011), a masculinidade não é outorgada, mas produzida através de um jogo complexo de assimilação, construção, incorporação e desconstrução de convenções sociais de gênero, associadas ao masculino em contextos culturais específicos.

Porém, a construção social da masculinidade, além de promover a eliminação das necessidades, sentimentos e maneiras de se expressar, traz como consequência uma “tensão” entre ser macho e ser masculino, capaz de provocar invariavelmente insegurança e estimular nos homens, tanto a autodesvalorização, como as reações violentas contra outra/os (GRIFFIN, 2005) e a si mesmo. Todavia, “o masculino não se define apenas em relação ao feminino, mas também a outras imagens desvalorizadas do masculino” (BOZON, 2004, p. 23).

Dessa maneira, reconhecer mais de um tipo de masculinidade, assevera Connell (1997), é apenas um primeiro passo, pois precisamos examinar as relações entre elas, não esquecendo de analisar as questões relacionadas a classe, raça e as relações de gênero que operam dentro delas, pois existem homens negros gays e operários efeminados, assim como estupradores de classe média e travestis burgueses.

Assim, ao menos no mundo ocidental existem vários modelos de masculinidades, como as lembradas por Heilborn e Carrara (1998, p.04):

o modelo do homem burguês bem comportado, cumpridor de seus deveres para com a família e o Estado, convive de forma tensa com o modelo romântico do aventureiro solitário, avesso aos laços familiares e pronto tanto para as agruras dos campos de batalha, quanta para as delícias dos bordéis e dos bares. A masculinidade que se encena no escritório entre nuvens de fumaça de inúmeros charutos, opõe-se àquela outra que se manifesta ao ar livre, no esporte, no safari, no acampamento dos escoteiros, no turismo ecológico ou nas expedições científicas. Contra o homem "tradicional" de poucas palavras, principalmente quando se trata de falar sobre si mesmo, insurge-se o homem "moderno" que, nos divas dos psicanalistas, vem se adestrando nas sutilezas dos jogos verbais. Há também a masculinidade que se constrói como paródia nas boates frequentadas por homens e mulheres homossexuais.

No entanto, existe uma espécie de tensão social, pela qual a todo momento meninos e homens precisam corroborar sua masculinidade, seja no ambiente familiar, escolar ou mesmo no trabalho. Uma acontecimento registrada pela película, sobre essa necessidade de provar sua masculinidade, é quando Leo além de se afastar de seu amigo, muda sua forma de agir e deixa de expressar seus sentimentos para com ele, não só no ambiente escolar, também fora dele.

Por sua vez, como assevera Le Breton (2012, p. 52): “Os sentimentos que vivenciamos, a maneira como repercutem e são expressões fisicamente em nós, estão enraizados em normas coletivas implícitas. Não são espontâneos, mas ritualmente organizados e significados visando os outros”.

Mas, tentar impor que as pessoas se comportem de uma determinada maneira e tentar defini-las por sua orientação e/ou prática sexual, impõe a elas crenças e um padrão de normalidade ditada por uma parcela da população, além de limitar as diversas experiências e vivências, acaba não evidenciando as complexidades das relações humanas e do ser humano.

Amizade, Afeto e Família

Em suas primeiras cenas, o filme *Close* (2022) nos apresenta Leo e Rami, amigos inseparáveis e sem nenhuma dificuldade em expressar seus sentimentos e carinho um pelo outro. Portanto, as diferentes maneiras de se expressar e experienciar as emoções, guardam um sentido social relacionado com o gênero, na medida que a socialização entre homens e mulheres envolve o gerenciamento emocional baseado no sexo.

Segundo Le Breton (2012, p. 52): “Os sentimentos que vivenciamos, a maneira como repercutem e são expressões fisicamente em nós, estão enraizados em normas coletivas implícitas. Não são espontâneos, mas ritualmente organizados e significados visando os outros”.

Os sentimentos e as emoções não são estados absolutos, substâncias que se pode transpor de um indivíduo ou grupo. Elas tampouco são, ao menos não exclusivamente, processos fisiológicos cujos segredos estariam contidos no corpo. Trata-se de relações. [. . .]. De uma sociedade humana a outra, os homens sentem afetivamente os acontecimentos de sua existência por intermédio de diferentes repertórios culturais, os quais, embora por vezes se assemelhem não são idênticos (LE BRETON, 2019, p. 09-10).

Contudo, definir o que seriam os sentimentos é um tanto quanto complexo e como lembram Rezende e Coelho (2010), também não é algo que pode ser considerado universal, afinal:

A convicção de que os sentimentos têm uma natureza universal faz parte do senso comum ocidental, que os considera um aspecto da natureza humana marcadas pela ideia de “essência” - no sentido de uma universalidade invariável - e de “singularidade” como algo que provém espontaneamente do íntimo de cada um (REZENDE; COELHO, 2010, p. 12).

Uma vez que o que sentimos é algo particular, íntimo e terá formas diferentes de se expressar, como pode ser entendida a amizade. Para Nascimento (2011, p. 22) a amizade pode ser compreendida “como uma relação social que envolve livre escolha, formação de vínculos de afeto, intimidade, confiança e reciprocidade, e que tem por premissa a igualdade entre os envolvidos”. Porém, dependendo da situação, como observada na película, várias podem ser as configurações de uma amizade.

A amizade de Leo e Rami registrada no filme antes de do início das aulas era repleta de abraços, manifestações de carinho e de afeto. Afeto esse, que não se resume a um sentimento e/ou emoção, que além da capacidade formar vínculos² e gerar direitos, pode ser manifestado de diversas formas.

A manifestação de afeto por uma pessoa pode ou não envolver gestos, como beijos e abraços, que implicam o toque no corpo do outro. O vocabulário emotivo de uma sociedade é reconhecido como distinto do de outra, dificultando, por exemplo, o exercício de tradução de categorias emotivas de uma língua para outra. No entanto, as palavras nem sempre são vistas como expressando "de fato" o que o sujeito sente, reforçando novamente a distinção entre uma forma de expressão de ordem social e o sentimento de natureza individual (REZENDE; COELHO, 2010, p. 11).

Mas como devemos nos comportar quando uma simples expressão de carinho faz com que as pessoas questione quem somos, nossa sexualidade, orientação afetiva sexual, em uma época em que as relações e relacionamentos estão cada vez mais efêmeros?

Ao serem questionados se eram um casal pelos colegas da escola, Leo vê como melhor alternativa se afastar de Rami, sem se preocupar com os sentimentos de seu amigo e as consequências que seu ato poderia trazer. Dessa maneira, o controle sobre os corpos, que define como homens e mulheres devem se comportar, acaba fazendo com que os meninos, deixarem de expressar seus sentimentos, mesmo sendo algo natural.

De outro modo, o sentimento de afeição pode ser desprezado ou deixado de lado quando um filho ou uma filha assume ao seu(s) genitor(es) que gosta de alguém do mesmo sexo ou que não se identifica com o gênero que lhe foi atribuído no nascimento. Nesses casos, o não acolhimento por aqueles que deveriam te amar incondicionalmente, pode gerar várias consequências, inclusive ao suicídio.

Portanto, mesmo no ambiente familiar em que a pessoa deveria a princípio ser aceita e amada incondicionalmente, existe alguns atributos e dimensões da homofobia, como assevera Schulman (2010, p. 70):

As especificidades e dimensões da homofobia familiar são amplas. Elas podem variar desde pequenos desrespeitos a graus variados de exclusão, chegando a ataques brutais que deformam a vida da pessoa gay, ou até a crueldades diretas e indiretas que literalmente acabam com a existência daquela pessoa. É claro que o impacto disso irá variar de acordo com outros tipos de sistemas de apoio que a vítima consiga acessar, com o quão comprometida é a sua família no reforço da homofobia e com os tipos de intervenção realizados por terceiros. Caso os preconceitos da família sejam flexíveis, caso a vítima tenha uma rede de apoio consistente e confiável e caso outros indivíduos na família ou na comunidade intervenham ativamente na denúncia, portanto, na mitigação do impacto da crueldade, a homofobia familiar pode ser um obstáculo desnecessário, mas superável.

² Podemos pensar, por exemplo nos casos de adoção, ou mesmo em relação a pessoas de se consideram como família mesmo sem ter qualquer vínculo consanguíneo.

E devido às demonstrações de rejeição e manifestações de homofobia para com os jovens de orientação homossexual, que podem causar conflitos com familiares ou com colegas de trabalho, podem fazer com que “até os 21 anos, a maioria deles mantenham seus pais, em particular o pai, na ignorância de suas preferências sexuais” (BOZON, 2004, p. 78).

Portanto, nem mesmo o ambiente familiar garante àqueles que apresentam uma orientação sexual diversa da heterossexualidade a “garantia” que não sofrerão preconceito, discriminação e alguma forma de violência.

Escola, Homofobia e Direitos

O ambiente escolar que deveria ser inclusivo, muitas vezes acaba replicando comportamentos machistas, sexistas e homofóbicos, como visto na película. Porém, ao tratarmos da sexualidade é possível encontrar discussões e trabalhos em escolas desde a década de 1920, com as discussões se intensificam na década de 1970, certamente em função da mudança de comportamento dos jovens dos anos de 1960 e dos movimentos feministas (BRASIL, 1997).

No entanto, mesmo sendo importante tratar de questões entendidas como tabu no ambiente escolar, tal discussão muitas vezes é “adiada para mais tarde, para depois da escola, para a vida adulta” (LOURO, 2019, p. 31). Pois como nos lembra Louro (2019, p. 31-32):

É preciso manter a “inocência” e a “pureza” das crianças (e, se possível, dos adolescentes), ainda que isso implique o silenciamento e a negação da curiosidade e dos saberes infantis e juvenis sobre as identidades, as fantasias e as práticas sexuais. Aqueles e aquelas que se atrevem a expressar, de forma mais evidente, sua sexualidade são alvo imediato de redobrada vigilância, ficam “marcados” como figura que se desviam do esperado, por adotarem atitudes ou comportamentos que não são condizentes com o espaço escolar.

Mas a ausência de diálogos no ambiente escolar ou familiar podem trazer como consequências gravidez na adolescência, abusos sexuais, Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) ou mesmo suicídios.

A homofobia pode ser compreendida segundo a Corte Interamericana de Direitos Humanos (Corte IDH) como “um medo, um ódio ou uma aversão irracional em relação a pessoas lésbicas, gays ou bissexuais”, e pode ser expressada como na forma jocosa com que os colegas questionam se Leo e Rami são um casal, numa simples piada ou mesmo quando um amigo ou conhecido diz ao seu amigo gay que “você não parece ser gay”.

Nesse aspecto, vale lembrar que o Supremo Tribunal Federal após apreciar em 2019 a Ação Direta de Inconstitucionalidade por Omissão (ADO) nº 26/2013 e o Mandado de Injunção (MI) nº 4.733/2012 reconheceu a Homofobia/Transfobia como espécie de racismo social.

Sobre esse assunto, é importante lembrar que não existe nenhuma lei criada pelo legislativo que vise à proteção dos LGBTQIA+ e, devido a essa inércia, o judiciário, após a provocação de algumas pessoas, por exemplo, para terem direito a se casarem ou mesmo adotarem uma criança, tiveram que se posicionar a respeito dos pedidos formulados por essa parcela da população.

Opor-se aos direitos de gays sessenta anos atrás, quando não existiam quaisquer movimentos visíveis, era uma ação bem diferente do que se opor a nós atualmente. Porém, mesmo conhecendo pessoas gays, vendo nosso desejo por justiça e ainda assim dizer “Não” é muito mais sórdido do que recusar algo vago e teórico. Embora muitas vezes nos digam que “as atitudes estão mudando para melhor”, penso que todos nós podemos perceber que quando várias pessoas nos Estados Unidos não têm direitos legais e não são culturalmente representadas, isso é por si só uma condição de opressão que se reflete em atitudes (SCHULMAN, 2010, p. 71).

Porém, é importante ressaltar que essas decisões do judiciário “tutela” os direitos reconhecidos de forma “temporária”, pois eventualmente podem ser criadas leis que proíbam as minorias sexuais de celebrar o casamento. Fato que de alguma maneira demonstra uma parcela da sociedade extremamente conservadora e preconceituosa.

Violência contra a população LGBTQIA+

Quase todos os dias os diversos meios de comunicação noticiam a violência contra a população LGBTQIA+ no território brasileiro, por intermédio de práticas criminosas como injúria, ameaça, lesão corporal e assassinato.

Ao analisar o número de assassinatos de LGBTQIA+ de 1990 a 2020 no Brasil nota-se o crescimento no número de mortes; afinal, enquanto em 1990, o número de assassinatos era de 164 LGBTQIA+, em 2010 chegou a 260 LGBTQIA+assassinadas, um aumento de aproximadamente 60% no número de mortes. Porém o ano de 2017 registrou o maior número de mortes, com 445 mortes de LGBTQIA+ em território brasileiro.

Tabela 1 - Casos de mortes violentas de LGBT+ no Brasil de 2000 a 2020

Ano	N. Vítimas
2000	130
2001	132
2002	126

2003	125
2004	158
2005	135
2006	112
2007	142
2008	187
2009	199
2010	260
2011	266
2012	338
2013	314
2014	329
2015	319
2016	343
2017	445
2018	420
2019	329
2020	237
Total	5047

Fonte e Organização: Acontece LGBTI+; Grupo Gay da Bahia, 2021.

Nos anos de 2018, 2019 e 2020 observa-se uma queda no registro de mortes causadas pela LGBTIfobia, com o apontamento de 420, 329 e 237 mortes respectivamente, com uma queda de 28% comparando os anos de 2019 e 2020. Porém essa redução pode estar relacionada à subnotificação do registro, por diversos motivos, entre eles a pandemia da Covid-19, que implementou num determinado período a necessidade do distanciamento físico, o que pode ter contribuído com a diminuição das manifestações preconceituosas e bem como a prática do crime em questão.

Por fim, o suicídio de Remi, que não é explicado no filme de forma clara, pode ser interpretado como uma consequência do distanciamento de seu amigo, de quem poderia inclusive nutrir sentimentos mais profundos.

Considerações Finais

Uma relação de amizade ou familiar não garantem a qualquer pessoa a proteção contra práticas homofóbicas, quando se assume uma orientação sexual que não a heterossexual ou se

identifica com um gênero diferente daquele lhe imposto ao nascer, e muito menos que não mudará a forma como os outros lhe veem.

A homofobia presente na risadinha dos colegas, em um ambiente que deveria ser de inclusão e de respeito as diferenças sejam quais elas forem, demonstra que práticas homofóbicas estão presentes em nosso cotidiano, inclusive no ambiente familiar e que podem provocar sérias consequências, entre elas o suicídio.

De outro modo, a homofobia funciona como um obstáculo à expressão da intimidade entre os homens, pois, como lembra Louro (2019, p. 34): “É preciso ser cauteloso e manter a camaradagem dentro de seus limites, empregando apenas gestos e comportamentos autorizados para o ‘macho’”.

Nesse sentido discussões e reflexões sobre a conquista dos direitos da população LGBTI+, bem como ao combate a homofobia em uma sociedade conservadora como a brasileira se fazem necessária.

Referências

BOZON, Michel. Sociologia da Sexualidade. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual. Brasília : MEC/SEF, 1997.

CONNELL, Robert. W. La organización social de la masculinidad. In. VALDÉS, Teresa; OLAVARRÍA, José (Orgs.). *Masculinidades: poder y crisis*. Santiago/Chile: Isis Internacional, 1997.

GIFFIN, Karen. A inserção dos homens nos estudos de gênero: contribuições de um sujeito histórico. *Ciência & Saúde Coletiva* [online]. 2005, v. 10, n. 1 [Acessado 1 jul. 2022] , pp. 47-57. Disponível em: < <https://doi.org/10.1590/S1413-81232005000100011>>.

HEILBORN, Maria Luiza; CARRARA, Sérgio. Em cena, os homens ... *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, vol. 6, nº 2, 1998.

KIMMEL, Michael S. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. In: *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 4, n.º 9, pp. 103-117, 1998.

_____. Masculinities. In. KIMMEL, Michael; ARONSON, Amy, SAPP, David Alan (Orgs.). *Men and masculinities: a social, cultural, and historical encyclopedia*. Santa Bárbara, CA: ABC-Clio Press, 2003.

LE BRETON, David. *Antropologia das Emoções*. 1 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

_____. *A sociologia do corpo*. 6 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da Sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

NASCIMENTO, Marcos Antonio Ferreira do. *Improváveis relações: produção de sentidos sobre o masculino no contexto de amizade entre homens homo e heterossexuais*. Tese (Doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, Instituto de Medicina Social, 2011, 194 f.

REZENDE, Claudia Barcellos; COELHO, Maria Claudia. *Antropologia das Emoções*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

SCHULMAN, Sarah. Homofobia familiar: uma experiência em busca de reconhecimento. *Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades*, [S. l.], v. 4, n. 05, 2012. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2312>>. Acesso em: 7 maio. 2023.